

RIBEIRO, Rafaela Sofia Gonçalves - Recensão a JESUS, Carolina Maria de – *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*. Lisboa: VS. Editor, 2021. ISBN 9789895473571. *Configurações: Revista de Ciências Sociais* [Em linha]. 34 (2024) 175-180. ISSN 2182-7419.

Recensões | Recensions

JESUS, Carolina Maria de – *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*. Lisboa: VS. Editor, 2021. ISBN 9789895473571

RAFAELA SOFIA GONÇALVES RIBEIRO*
Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho (ICS-UM)
Grupo de Estudos Interdisciplinares em Ciências Sociais (GEICS)

*Aqui, na Terra, a fome continua.
A miséria, o luto, e outra vez a fome.*

*(Fala do Velho do Restelo ao Astronauta,
José Saramago, 1981)*

Mulher, parcamente instruída, mãe solteira, pobre, negra, descendente de pessoas escravizadas, moradora de favela, periférica. Obstinada, ousada e lutadora. Atenta, reflexiva, cautelosa e diligente. Nascida em Minas Gerais em 1914 e impelida a migrar para São Paulo em 1937 em busca de mais e melhores oportunidades, Carolina Maria de Jesus é o retrato desadornado e frio daqueles que são lesados por uma sociedade estrutural e historicamente desigual e racista (Almeida, 2019), marcada por disputas de índole diversa – pelo alimento, pelo espaço, pelo trabalho, por bens básicos de sobrevivência, entre outros –, que, não raro, conduzem à revolta, ao irromper de conflitos e à intolerância.

Por meio da escrita – simples na técnica, mas rica em conteúdo – e do registo diário testemunhal, em *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*, Carolina convida-nos a recuar até meados dos anos 50 do século passado –

*E-mail: rafaelasgr@ics.uminho.pt | ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-3264-3292>

mais precisamente, ao período de 1955 a 1960 –, proporcionando uma visita guiada ao indigente cotidiano da Favela do Canindé, entretanto extinta, mas, enquanto empa localizada na cidade de São Paulo, Brasil. A autora fornece um vislumbre franco e brusco dos desafios cotidianos estruturais que se colocam a si e aos/às conterrâneos/as favelados/as, “projetos de gente humana” (p. 30).

Como válvula de escape, Carolina Maria de Jesus encara a partilha por meio da escrita como uma forma de evasão à miséria e à turbulência que a circunda e a lesa diretamente, consolando-se e recusando-se a sucumbir: “é preciso criar este ambiente de fantasia para esquecer que estou na favela (...) as horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários” (p. 75). Mas não só: pela escrita, Carolina conduz-nos também através dos seus sonhos, alimentados pela revolta e pelo anseio – talvez utópico – de uma “casa de tijolos”, mas, acima de tudo, de uma sociedade sem favelas – as “úlceras da cidade” (p. 107), o *quarto de despejo* de uma cidade onde o “Prefeito” é o “Diabo” (p. 114) – e, em última instância, sem desigualdade.

Um *quarto só seu*, como idealizava Virginia Woolf (2021 [1929]), não foi requisito essencial e incontornável para que a escrita tivesse lugar. Por força das circunstâncias, bastaram a Carolina a liberdade de refletir e de sonhar, a soleira da porta e a guarida do seu barracão insalubre e sem condições dignas. Frisemos: *barracão*, não *casa* – “não acho geito¹ de dizer cheguei em casa. Casa é casa. Barracão é barracão” (p. 61), “quando eu digo casa, penso que estou ofendendo as casas de tijolos” (p. 71).

Ora, o parágrafo anterior antecipa e introduz-nos a um dos muitos problemas experienciados e abordados, de forma exaustiva, no manuscrito: o incontornável problema da crise da habitação, aqui definida no sentido do caos, do medo, e enquadrada no bailado da desigualdade de poder que prossegue afetando largas franjas da população mundial hodiernamente. Não obstante os contornos variarem em função da época e, inclusive, da localização geográfica específica, este é um problema com implicações em muitas esferas da vida individual, social e política e que perdura no tempo. Ao encontro daquilo que era já afirmado por Friedrich Engels em 1873, na obra *Para a questão da habitação*, para as populações ou estratos subalternizados, a habitação está em permanente crise. Assim, ao contrário do que Carolina idealizava, podemos constatar que muitas pessoas são, ainda hoje, empurradas para os *vales das sombras* – denominação atribuída

1 Dado o contexto de produção do livro e a importância atribuída a esse mesmo contexto, nesta revisão optou-se pela preservação do texto original tal como disponibilizado pela edição à qual se recorreu, sem correções ortográficas e/ou gramaticais adicionais ao conteúdo textual da obra.

por Mike Davis às favelas em *Planeta Favela* (2020 [2006]) – por ação das impiedosas dinâmicas especuladoras capitalistas, através de um processo de urbanização acelerado e desorganizado, potenciado pela inação das entidades competentes e pela falta de soluções dignas. Prevalece, então, um problema que, pese embora em determinadas partes do globo se encontrasse *maquilhado* ou *maskarado*, nunca foi de facto extinto, como disso são exemplo os casos brasileiro² e português³.

Adentrando o roteiro de problemas, podemos efetuar paragem na questão da falta de higiene e da insalubridade geral, sistematicamente conectadas com o problema da habitação não digna, das parcas condições de vida e da falta de acesso a bens básicos de sobrevivência (como é o caso, por exemplo, do sabão e de comida não deteriorada/dentro da validade). Em conluio, isto permite a criação de um ambiente fértil à proliferação de doenças e a uma saúde pública deplorável, conforme retratado na obra.

Também a criminalidade e a delinquência, inclusive a juvenil, associadas não raras vezes à violência policial e ao abuso de poder, merecem destaque nos relatos de Carolina, que reflete sobre dinâmicas sociais complexas que geram uma organização/subsistema próprio. Como refere a autora, e apesar de se distanciar (a si e aos seus) deste tipo de atos, “a favela é um ambiente propenso, as pessoas têm mais probabilidade de delinquir” (pp. 37-38). Tal fenómeno é, em grande parte, justificado pelas gritantes dificuldades financeiras, maioritariamente numa tentativa desesperada de sobrevivência: a fome, embora seja também ela *professora* (p. 38), é a *escravatura atual* (p. 40) e despoleta muitos destes comportamentos.

Para Carolina, cuidadora única de múltiplas crianças, a fome é, precisamente, um dos principais problemas que se acumulam no dia a dia, obrigando-a a assumir um duplo papel, sem dupla provisão financeira e sem qualquer tipo de auxílio: “como é pungente a condição de mulher sozinha, sem um homem num lar” (p. 29). Contudo, Carolina ressalva várias vezes que não pretende relacionar-se com ninguém, introduzindo na discussão o

2 A este propósito, leia-se, por exemplo, a notícia divulgada em novembro de 2022 pelo *Jornal Metrópoles*, onde se refere que “Favelas no Brasil crescem em ritmo acelerado e ocupam 106 mil hectares” (<https://www.metropoles.com/brasil/meio-ambiente-brasil/favelas-no-brasil-crescem-em-ritmo-acelerado-e-ocupam-106-mil-hectares>), ou a notícia da CNN Brasil de novembro de 2021 que afirma que “Crescimento de favelas no Brasil nos últimos 35 anos equivale a 11 Lisboas” (<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/crescimento-de-favelas-no-brasil-nos-ultimos-35-anos-equivale-a-11-lisboas/>).

3 Leia-se, por exemplo, as notícias divulgadas em junho de 2023 – “Estão a crescer os bairros ilegais na região de Lisboa” (<https://www.rtp.pt/noticias/pais/estao-a-crescer-os-bairros-ilegais-na-regiao-de-lisboa-v1491021>) – e em maio de 2020 – “Na Grande Lisboa há mais de 200 bairros ilegais – um campo fértil para o vírus” (<https://www.publico.pt/2020/05/28/local/noticia/lisboa-ha-200-bairros-ilegais-1918554>) –, a propósito da precariedade e dos impactos da pandemia nestes terrenos prolíferos.

flagelo das dependências – de álcool e outras substâncias –, que, segundo ela, domina parte dos/as habitantes da favela, tirando-lhes o *senso*. Ainda no que a isto se refere, alude ao flagelo da violência doméstica, a que muitas vezes assiste de um lugar privilegiado – em “primeira fila”, pois ocorre na maioria dos *quintais vizinhos* –, e à inexistente educação sexual, surgindo inclusive relatos de promiscuidade, assédio e violência sexual.

Ademais, podemos reforçar a falta de oportunidades laborais acessíveis a esta mulher, que se dedicava à recolha de papel. Essa falta de oportunidades surge muitas vezes associada ao tom de pele de Carolina, encontrando-se a mulher negra periférica quase na “base” de uma “hierarquia”, a *subalterna das subalternas*, adaptando o conceito de Gayatri Spivak (1988) e mobilizando para a discussão os contributos de Djamila Ribeiro (2017). Ao longo da obra, diversos excertos e experiências concretas corroboram estas afirmações, como, por exemplo, quando a autora via a sua escrita recusada com o argumento de “é pena você ser preta” (p. 82), transmitindo (e antecipando) a dificuldade efetiva experienciada de publicação do manuscrito anos depois. Isto é reflexo de uma periferia duramente negligenciada e subvalorizada, relativamente à qual a adoção de políticas culturais de embranquecimento teve resultados que se prolongaram no tempo (Ribeiro, 2017).

Ainda a este propósito, é curioso o posicionamento de Carolina em relação aos ciganos – “mil vezes os nossos vagabundos do que os ciganos” (p. 175) –, que nos leva a refletir sobre a reprodução do racismo no interior dos próprios grupos subalternizados/vulnerabilizados. Na lógica de Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido* (1968: 43), trata-se do *oprimido que sonha ser opressor* e que, enquanto não se libertar verdadeiramente do opressor que hospeda, nunca será verdadeiramente livre.

É ainda patente a consciência da autora face ao legado e ao impacto do colonialismo no Brasil e às suas ramificações. Carolina reitera, em tom de revolta, que “a natureza não seleciona ninguém” (p. 82) e recusa a subjugação que lhe é imposta: “esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. (...) Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta” (p. 82). Não obstante, e até certo ponto inconscientemente, o trauma faz-se presente: “Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam felizes” (p. 39).

Pese embora a sua limitada educação formal, ao longo de todo o seu percurso literário – e, mais do que literário, de vida, na generalidade –, Carolina procurou conceder visibilidade àquilo que vem sendo invisibilizado de modo permanente e demarcar, até ao limite do possível, também ele

social e historicamente imposto, o seu lugar de fala (Spivak, 1988). O seu relato traduz a luta por um *lugar* – no sentido geográfico literal, mas também figurativo e abrangente –, uma luta que não é só dela, mas de muitas Carolinas que recusam a posição de silenciamento e a subjugação de classe, étnico-racial e, inclusive, sexual – o *nó epistémico* a que se refere Heleieth Saffioti (2015 [2004]), destacando já a importância de um olhar (e prática) interseccional, conforme proposto por Patricia Collins e Sirma Bilge (2020 [2016]).

Dias de amargura – porque *negro era tudo o que a rodeava* (p. 55) e *duro era o pão e a vida do favelado* (p. 53) –, mas também de esperança, marcaram a jornada de Carolina. Com a sua *revolta justa* (p. 45), nunca cedeu nem baixou os braços. Encarou as injustiças sistémicas com frontalidade, pois “o povo não deve cançar. Não deve chorar. Deve lutar para melhorar o Brasil para os nossos filhos não sofrer o que estamos sofrendo” (p. 69). Não desmerecendo a sua luta, é possível constatar que, não obstante novos discursos, novas práticas e novas reorganizações terem sido adotados desde então, inúmeros problemas elencados por Carolina, que expressam muitas vezes o não cumprimento de direitos humanos básicos fundamentais, permanecem excessiva e dramaticamente atuais. A sua obra não se restringe a um mero diário e depósito de memórias com cerca de 65 anos, mas pode ser encarada como uma denúncia e um clamor por justiça social, um apelo à ação, sobretudo daqueles que têm, de facto, capacidade para agir.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Silvio Luiz – *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p. ISBN 9788598349756.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma – *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo, 2020 [2016]. ISBN 9786557170229.
- DAVIS, Mike – *Planeta Favela*. São Paulo: Boitempo, 2020 [2006]. 272 p. ISBN 9788575590874.
- FREIRE, Paulo – *Pedagogia do Oprimido*. Coyoacán: Siglo XXI Editores, 1968. 248 p. ISBN 9780826412768.
- RIBEIRO, Djamilá – *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento e Justificando, 2017. 112 p. ISBN 9788595300736.
- SAFFIOTI, Heleieth – *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015 [2004]. ISBN 9788577432622.
- SPIVAK, Gayatri – Can the Subaltern Speak?. In NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence

(eds.) – *Marxism and the Interpretation of Culture*. Londres: Macmillan, 1988.
752 p. ISBN 9780252014017.

WOOLF, Virginia – *Um quarto só seu*. Vila Franca de Xira: Penguin Clássicos, 2021
[1929]. 200 p. ISBN 9789897843327.

- Receção: 18.05.2024

- Aprovação: 27.05.2024